

## **Sintoma<sup>1</sup>**

### ***O sintoma analítico é uma defesa***

O recalque é um mecanismo que o eu, em geral, por ordem do supereu, lança mão para defender-se de um impulso do id. O recalque incide sobre a idéia que traduz o impulso. A idéia recalçada é uma formação do inconsciente. Este ponto de vista conhecido como dinâmico está baseado na chamada segunda tópica freudiana. O que deve acontecer ao impulso recalçado é assunto que merecerá consideração. Quanto à função do eu, digamos que consiste em dar um sinal de desprazer, sempre que supõe estar diante de alguma ameaça externa ou interna. Este sinal é a angústia, que consideramos um afeto verdadeiro e que merecerá um estudo específico. Recalcar é, nesse sentido, equivalente a defender-se de um perigo.

O sintoma que é uma formação organizada pelo eu através do recalque torna-se independente dele e extraterritorial. Torna-se um signo, uma espécie de corpo estranho que suscita incessantes defesas secundárias contra si. Há em primeiro lugar um combate entre o recalque e o impulso - é o que se chama de defesa primária; em segundo lugar, há combates incessantes entre o recalque e o sintoma - o que se chama de defesas secundárias contra o sintoma. O recalque é, para dizer a verdade, sempre secundário. Isso supõe um recalque primário que é algo da ordem de um axioma.

É incorreto supor que o supereu é a instância responsável pelo recalque. Também é incorreto supor que esse mecanismo de defesa é um mecanismo físico; vale mais concebê-lo como um mecanismo gramatical e lógico. Quero dizer dessa maneira que a linguagem é o aparelho do recalque.

### ***O sintoma analítico é uma formação de compromisso***

Como dissemos há uma defesa secundária entre o eu e o sintoma. Por sua natureza o eu tende a fazer conciliação. Ele tenta impedir que o sintoma se torne extraterritorial e quer incorporá-lo a si próprio. Assim o sintoma acaba adquirindo a peculiaridade de ser um meio termo entre a necessidade de satisfação e a necessidade de punição. Dizemos que nesse caso o sintoma atende, por um lado, às

---

<sup>1</sup> Cf. FREUD, S., *Inibições, sintomas e angústia*, (1926), ESB, v. XX, cap. II, III, IV, V e VI.

exigências do supereu e, por outro lado, às exigências do recalcado. O eu reconhece o sintoma como permanente, aceita de bom grado a situação e procura tirar proveito dela. É o *do ut dê*s. O eu faz uma adaptação ao sintoma. É a formação de compromisso. É próprio à natureza do eu procurar adaptação.

### ***O sintoma analítico é um substitutivo pulsional***

Dizer que um sintoma é um substituto de um ato sexual<sup>2</sup> é a principal definição do sintoma analítico e isto significa que o sintoma é um ato de satisfação subjetiva.

Supor a formação do sintoma apenas como tentativa de defesa por parte do eu é insuficiente. O recalque pode ser bem sucedido, pode não deixar rastros. Quando falha então podemos entender o que se passa. O impulso nesse caso encontra um substituto que não é mais reconhecível como uma satisfação, porque deslocado, inibido, mas como uma compulsão. O recalque restringe os atos e a comunicação. Atribuir ao eu toda a responsabilidade pelo signo da angústia que dispara o recalque, pode implicar em indução ao erro de fazermos uma cosmovisão psicanalítica com base nas funções de senhor ou de escravo que eventualmente ele exerce.

### ***O sintoma analítico é um modo de gozar.***

Um sintoma pode impor uma certa diminuição de capacidade e isso pode ser explorado pelo sujeito para apaziguar alguma exigência da consciência de culpa, do supereu ou para recusar alguma exigência exterior. Assim ele se torna o representante de interesses importantes, torna-se útil e cada vez mais indispensável ao eu. Também não é preciso exagerar e concluir que o sintoma é feito somente para usufruir vantagens. Ninguém chegaria a perder a visão periférica apenas para usufruir vantagens. Na obsessão e na paranóia o sintoma traz uma satisfação narcísica. Os sistemas do obsessivo lisonjeiam seu amor próprio, lhe faz sentir-se melhor que os outros, mais limpo, mais certo, mais coerente, mais consciencioso. O paranóico, o delirante ama a seu delírio como a si mesmo. Tudo isso é o que chamamos de ganho secundário do sintoma. Trata-se na verdade da tentativa do sujeito de conciliar com o sintoma. O gozo do sintoma é o que na análise atua a

---

<sup>2</sup> Cf. FREUD, S., *Três ensaios sobre uma teoria sexual*, (1905), ESB, v. VII, ensaio I, parte 5, “A pulsão sexual nos neuróticos”.

favor da resistência. É a própria resistência. Em parte isso acontece porque o eu gosta de conciliar, em parte porque o sintoma insiste em gozar já que ele é a pulsão, o retorno do impulso recalçado e que insiste.

### *O sintoma analítico é uma metáfora*

A fobia histérica do menino Hans, consistia em recusa a sair à rua porque ele tinha medo de cavalos.

Distingamos, neste caso, a pulsão, o sintoma, a inibição, a angústia e o recalque.

A restrição de sair à rua é a inibição.

O medo de cavalos é o sintoma. Na verdade tratava-se do medo de que um cavalo fosse mordê-lo.

O pavor diante de um cavalo é a angústia. Ela é o signo do recalque. Trata-se do temor da castração que se repete em diversos substitutivos - cavalo, lobo, elevador, avião, barata, etc.

A pulsão era um impulso hostil contra o pai. O motivo desse impulso hostil era o desejo da mãe.

O recalque é a metáfora, a substituição do pai pelo cavalo. Trata-se do parricídio ou em termos mais elementares ainda do gozicídio. Este é realmente um dado elementar, um dado d'alíngua.

O cavalo é também um signo, um sinal diante do qual se fica em expectativa, em alerta.

Ter medo do pai não era o sintoma; ter medo do cavalo sim. Isto quer dizer que o sintoma é uma formação complexa, metafórica.

A função do recalque, da metáfora é disfarçar o impulso, a pulsão. Se Hans tivesse raiva dos cavalos e quisesse maltratá-los, isso não seria o sintoma, não haveria a neurose. Nesse caso não haveria disfarce do impulso apenas deslocamento, troca de objeto.

A fobia histérica é uma sintoma mal feito porque o ideal do sintoma é defletir a angústia. O verdadeiro sintoma é a histeria de conversão. O falso sintoma é a histeria de angústia. Na histeria de conversão quase não existe necessidade de se travar uma defesa secundária contra o sintoma.

Os sintomas obsessivos são proibições, precauções, expiações mas, ao mesmo tempo, são satisfações substitutivas. O sentido original do sintoma, em geral, se manifesta em um contrário. Isto é devido à ambivalência. Em geral, o sintoma obsessivo é um binário: um ato e sua anulação. A obsessão é um dialeto d'alíngua histórica. A regressão é nesse caso decisiva. Além do recalque e da regressão é preciso introduzir para a compreensão do sintoma obsessivo o conceito de formação reativa. Esse mecanismo é importante para a formação do caráter, dos ideais, do bem e do belo. O sintoma obsessivo é um espécie de exageração dos atos habituais de um sujeito, tais como dormir, lavar-se, vestir-se, andar. Eles tendem à repetição e ao desperdício do tempo. A dúvida e as autoacusações também não podem faltar ao cortejo obsessivo. Anulação e isolamento são estratégias que especificam o sintoma obsessivo como um ato lógico - uma técnica de argumentação. A obsessão é uma doença do pensamento assim como a histeria é do corpo. O isolamento obsessivo é uma técnica equivalente à amnésia histórica. Uma expressão típica do isolamento no nível do ato é o receio de tocar nos objetos.

### ***Variedade do sintoma***

Por que os analisandos só falam dos parentes próximos? Que há de específico nisso? Damos-lhes apenas a regra fundamental e eles vêm irresistivelmente nos falar de papai, mamãe e a não-relação sexual. Esse é um fato de estrutura, a ser entendido como a maneira como a linguagem é inicialmente introduzida no ser humano.

Estas são as estruturas elementares de parentesco. Os pais ensinam alíngua. Às vezes se guarda a memória da primeira língua. Foi o que Freud descobriu no caso do fetichismo - o *Glanz auf der Nase* que o germanófolo tinha guardado a memória da expressão inglesa - *to glance at the nose*. Para Freud isso era uma referência ao órgão macho.

Pedimos a associação livre e recebemos, em geral, a racionalização. Este obstáculo diz respeito à própria dimensão da verdade como variável. A coisa mais importante é dizer a verdade. O que o analisando diz não é a verdade mas a variedade do sintoma. A verdade se especifica por ser poética. Podemos aprender isso com Jakobson ou com Cheng-Tai-Tchen. Tudo depende da noção de vazio.

## ***Referências***

FREUD, S., “Inibições, sintomas e angústia”, (1926), *Edição Standard Brasileira*, v. XX.

\_\_\_\_\_, “Três ensaios sobre uma teoria sexual”, (1905), *op. cit.*, v. VII, ensaio I, parte 5, “A pulsão sexual nos neuróticos”.

LACAN, J., “Vers un signifiant nouveau - La varité du symptôme”, *ORNICAR?* 17/18.